



# DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Azul :: Julho de 2015, nº 193



## A Celebração da Colheita

por Mirella Faur

 Os povos antigos acreditavam que a Natureza era a manifestação das forças criadoras divinas e que tudo o que existia no mundo era impregnado de energia espiritual. As leis que regiam a Natureza regiam também os demais seres, repetindo assim o eterno ciclo de geração, crescimento, amadurecimento, colheita, transição e renascimento.

Conheciam-se e celebravam-se os momentos de passagem de uma fase para outra, a mudança das estações, o início e o fim de cada ciclo. O sagrado fazia parte da vida cotidiana, pois os rituais e as cerimônias comemoravam esses momentos marcados pelo movimento do Sol, da Lua, dos planetas e estrelas e manifestados nos ciclos e mutações da própria Natureza.

As religiões modernas afastaram-se dessas práticas milenares, considerando-as pagãs, quando, na realidade, o verdadeiro significado da palavra latina *paganus* retratava exatamente sua origem, ou seja, “o morador do campo”, o homem em contato permanente com seu habitat – a Natureza.

O homem moderno, quando passou a viver no meio dos muros de concreto, longe do contato diário com o céu, a terra, as plantas e os animais, afastado e desligado dos ritmos e fenômenos naturais, perdeu também a vivência simples e cotidiana do sagrado.

As antigas civilizações e culturas atribuíram à Terra poderes espirituais, criaram sítios sagrados, mitificaram animais e plantas e festejaram as estações e os fenômenos naturais,





reverenciando as forças criadoras representadas por inúmeros deuses e deusas. A vida do assim chamado homem “primitivo” dependia das forças da Natureza, de sua relação com o meio ambiente, de sua habilidade para saber

quando e o quê plantar e para definir o momento certo de colher. Seu objetivo era viver em permanente contato com os princípios e poderes espirituais, invocando, pedindo ou agradecendo pela chuva, pelo Sol, pela fertilidade da Terra e pela abundância das colheitas.

Atualmente, a excessiva ênfase no pensamento racional, analítico e científico levou às atitudes antiecológicas, o que resultou na excessiva exploração e decorrente devastação da Natureza, na crescente poluição e falta de respeito pela vida e pelo equilíbrio do nosso planeta, comprometendo a própria sobrevivência (mineral, vegetal, animal e humana).

A Hipótese Gaia – que afirma ser o planeta um sistema complexo e vivo, cujas múltiplas formas de vida são interligadas e interdependentes com

a atmosfera, o solo e os oceanos – renovou o interesse pelos antigos mitos e tradições centradas no culto à Grande Mãe. Progressivamente vêm sendo redescobertos os poderes das antigas cerimônias e rituais que honravam as mudanças e os ciclos da Natureza e da vida, em perfeita sintonia com as energias e faces mutáveis da Mãe Terra.

As mais variadas celebrações, oriundas das tradições nativas norte ou sul-americanas, européias, africanas, orientais ou australianas, reúnem e uniam pessoas em datas especiais, festejando com cantos, danças, orações e oferendas as dádivas e a beleza da Mãe Terra. Por intermédio desses rituais, criavam-se vórtices de energia coletiva que favoreciam a percepção sutil, ampliando a compreensão espiritual e a conexão com as forças, energias e seres da Natureza.

Os festivais originários das antigas tradições e sociedades não dependem de ideologias religiosas, mas da realidade ecológica. Os ritmos solares, lunares, naturais e planetários independem da cultura, da crença, fé, posição social ou capacidade intelectual do homem. Resgatar essas práticas e adaptar seu significado para a vida moderna ajuda a integração do homem com a Natureza, favorecendo o



21.dez.2012 - Nascer do sol do solstício de inverno reúne diversas pessoas em festival pagão em Stonehenge, no Reino Unido

alinhamento pessoal, coletivo, global, universal.

Dos inúmeros festivais antigos que celebravam os solstícios, equinócios, ritmos solares, fases lunares ou ciclos das estações, uma festividade muito importante era a celebração da



colheita. O respeito e a reverência pela energia sagrada dos grãos remontam aos primórdios da humanidade, os cereais estando associados a inúmeros mitos e lendas sobre a morte e o renascimento. Honrava-se a morte na imagem do grão colhido e moído (descrita metaforicamente nos mitos de numerosos Deuses, que se sacrificavam para assegurar a continuidade da vida humana) e celebrava-se o renascimento das sementes brotando da Terra (nas imagens das várias Deusas dando à luz seus divinos filhos).

Como o grão – moído e assado – representava o corpo do Deus sacrificado, o pão era preparado ritualisticamente a partir dos primeiros grãos colhidos, modelado na forma humana e assado enquanto as pessoas entoavam cânticos e orações. Da última espiga – de trigo ou de milho – era confeccionada uma boneca representando a “Mãe do Cereal” (Corn Mother), que era guardada, em lugar de honra no templo, até a próxima semeadura, quando era enterrada ritualisticamente na terra recém-arada para atrair a abundância para a nova colheita.

Nas celebrações, ao comer o pão da primeira colheita, evocavam-se os ancestrais em agradecimento pela perpetuação da semente humana, da mesma forma que o primeiro grão de cereal dado à humanidade pelos deuses originou todos os outros grãos. Através das oferendas, orações e agradecimentos, afirmava-se e agradecia-se pelo florescimento e crescimento dos campos recém-semeados, que guardavam os frutos das promessas e realizações do futuro.

Inspirados e integrados com estes conhecimentos sagrados dos nossos ancestrais,

podemos assinalar também em nossa agitada vida moderna os momentos de semeadura, colheita, agradecimento e celebração.

Para isso, o mês de agosto reúne condições adequadas pela sintonia com as antigas

celebrações das colheitas (o Sabbat celta Lammastide e o Blot nórdico Freyfaxi ou Erntefest, festejados no primeiro dia de agosto), como também por ser um momento oportuno para avaliar as realizações dos meses anteriores e os meios disponíveis ou necessários para a concretização de metas até o final do ano.

Faça, portanto, sua auto-avaliação, colha os grãos maduros dos seus esforços, arranque as ervas daninhas dos erros ou fracassos, cuide dos elementos invasores e das interferências em sua colheita e adube as plantas frágeis de seus sonhos e aspirações com a energia de suas esperanças e a força sustentadora e vitalizante da Mãe Terra.



# Lua Azul

por Mirella Faur



**A**credita-se que a Lua Azul começou a ser cultuada, inicialmente, entre os egípcios, com a substituição do calendário lunar - que marcava o tempo usando as fases da lua - pelo solar - que introduziu o conceito do mês de trinta dias.

Lua Azul é o nome que se dá à segunda lua cheia dentro do mesmo mês. Um fenômeno que acontece, em média, uma vez a cada dois anos e sete meses, sete vezes a cada dezenove anos e trinta e seis vezes no século.

Desde a Antiguidade, a Lua Azul é considerada um acontecimento de muita força magnética e poder espiritual, reforçando o sentido de plenitude da lua cheia.

A Lua Azul nos proporciona uma oportunidade a mais de tocar o divino, um aumento da consciência diante das forças sobrenaturais, reforçando, assim, o intercâmbio com os outros planos, reinos e dimensões. Por ser considerada um tempo entre os tempos, um momento raro - e por isso, muito mais poderoso e mágico - fica mais fácil alcançar o mundo entre os mundos por meio dela. É uma lua de abundância, que permite colher muito mais do que plantamos. Os encantamentos têm

maior poder e os resultados são mais rápidos. Pensamentos e desejos tornam-se mais intensos e, assim, qualquer ritual exige maior cautela em relação aos objetivos e pedidos. Mais do que nunca vale a advertência: **cuidado com o que pedir, pois você pode conseguir!**

Com o surgimento do calendário juliano, no início do cristianismo, o culto à Lua Azul passou a ser reprimido por ser considerado uma exacerbação da simbologia lunar, do poder feminino e do culto às deusas, assuntos perseguidos e proibidos. Mesmo assim, permaneceu sua aura romântica e poética, e a Lua Azul passou a ser associada à crença de que era propícia ao romance e ao encontro de parceiros. Surgiu o termo inglês *blue moon*, significando algo muito raro, impossível, dando origem a inúmeras músicas e poemas melancólicos ou esperançosos.

Na mitologia celta, esta lua favorece o contato com o reino encantado dos seres da natureza. Invocam-se as Rainhas das Fadas - Aeval, Aine, Aynia, Bri, Creide, Mah e Sin - e empreendem-se viagens reais ou imaginárias para as *sidhe*, as colinas encantadas, morada do Little People, o Povo Pequeno.



Para agradar as fadas, os celtas cultivavam perto de suas casas suas plantas preferidas - calêndulas, verbenas, violetas, prímulas e tomilho - e deixavam oferendas de mel, leite, manteiga, pão e cristais nas clareiras onde os círculos de cogumelos denotavam sua presença. Para favorecer a visão, abrindo a percepção psíquica, usava-se artemísia, em chá ou em infusões para banhos, suco de samambaias ou orvalho passado nas pálpebras, sachês de mil folhas e hipericão, invocações mágicas adequadas.

A Lua Azul é regida pela Matriarca da Décima Terceira Luação. Ela é aquela que se torna a visão, a guardiã de todos os ciclos de transformação, a mãe das mudanças. Essa Matriarca nos ensina a importância de seguir nosso caminho sem nos deixar desviar por ilusões que possam vir a interferir em nossas visões. Cada vez que nos transformamos, realizando nossas visões, uma nova perspectiva e compreensão se abrem, permitindo-nos alcançar outro nível na eterna espiral da evolução do espírito. A última visão a ser

alcançada é a decisão de simplesmente SER. Sendo tudo e sendo nada, eliminamos os rótulos e definições que limitam nossa plenitude.

Para criar uma atmosfera adequada a uma celebração da Lua Azul, use velas e roupas azuis. Prepare água lunarizada expondo garrafas de vidro azul, cheias de água, aos raios lunares. Prepare "travesseiros dos sonhos", enchendo uma fronha de tecido azul com flores de sabugueiro, lavanda ou alfazema, hipericão, folhas de artemísia e sálvia. Imante cristais e pedras azuis como o topázio azul, a safira, o berilo, a água-marinha, o lápis-lazuli ou a sodalita.

Com a ajuda de músicas com sons da natureza - como pios de corujas, cantos de baleias ou uivos de lobos - permita que sua criatividade e intuição levem-no/a ao reino das fadas ou ao encontro das deusas lunares. Olhe fixamente para a lua, eleve seus braços e puxe a luz da lua para sua testa, seu coração e seu ventre. Conecte-se, em seguida, à Matriarca, pedindo-lhe orientação sobre as mudanças necessárias para alcançar uma real transformação. Permaneça, depois, em silêncio e ouça as mensagens e respostas ecoando em sua mente ou alegrando seu coração.





# Posta- restante

por Maria Amaziles



María,

*O Sol já ensaía os últimos passos da dança do dia, na direção do horizonte. Crianças exaustas de travessuras e descobertas procuram o seio de suas mães, ameaçando esquecer ali grande parte do colorido do dia. Pássaros retornam aos seus ninhos e você revira os guardados de suas memórias, tentando criar um rosto para a colheita de sua vida. Mas o resultado de seu trabalho, filha, sempre terá o seu rosto!*

*Sua existência traz o sinal da liberdade, atributo fundamental do Amor, que a tudo criou. Desde seus primeiros passos nesse jardim, o exercício do direito de escolha foi seu presente. A colheita revela a semeadora... É seu rosto que aparece na finalização de um projeto que esteve aos seus cuidados. Seu jardim, quando floresce, tem o seu sorriso e é a expressão de sua ousadia e coragem que transparecem, na despedida de um filho que voa para o mundo.*

*Ocupe seu coração com o produto de seu trabalho, com o zelo de uma jardineira consciente, que valoriza flores e ervas, assim como um dia reconheceu a importância das sementes. Lembrar que girassóis não brotarão em pés de nabo é fundamental, assim como será necessário responsabilizar-se e amar os jilós e outras notas amargas que brotarem em seus canteiros.*

*Que sua alma se lembre da convicção que levava seus passos ao semear. E então sua colheita será leve e desprovida de julgamentos. Receba com amor cada resultado. Compartilhe sua riqueza, acredite na prosperidade. Esse é o caminho para tornar sagrado o seu ofício.*

*Em bênçãos de força e coragem,*

*Aquela que é.*



## Próximos Rituais

**Celebração da Noite de Hécate**

Dia 13 de agosto (quinta-feira) às 20h  
∴ Somente para as mulheres ∴

**Plenilúnio: Celebração da Deusa egípcia Hathor**

Dia 29 de agosto (sábado) às 20h  
∴ Somente para mulheres ∴

Os rituais acontecem na Unipaz - Brasília/DF.  
Energia de troca R\$ 15,00  
Informações: (61) 8233.7949



**Expediente** **Jornal Deusa Viva**  
deusaviva@teiadethea.org

**Edição e Diagramação:**  
Stella Mata Machado e Cristiane Madeira Ximenes

**Textos:** Vera Pinheiro e Maria Amaziles

**Imagens:** Rede mundial de computadores

**Informações:** [www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org)

**Contatos:** Telefone (61) 8233.7949

E-mail: [teiadethea@teiadethea.org](mailto:teiadethea@teiadethea.org)